

entrelinhas

ano XIX | nº 85 | maio/jun/jul/ago 2020



Mala Direta
Básica

9912323789/2013-DR/RS
CRPRS



Covid-19 e os impactos da pandemia em diferentes realidades



Entrevista com Débora Noal | Conheça as ações do GT Biossegurança Covid-19

Editorial



Desde março, a realidade da pandemia tem alcançado o mundo e, de alguma forma, unificado o medo, a angústia, a desesperança. O necessário isolamento social tem nos feito ter a consciência da finitude e de um acerto de contas pessoal e intransferível. Sim, nada será como antes. Os perturbadores dilemas: afastar-se para sobreviver, trancar-se para voltar a ser livre, não ter para onde fugir. Na realidade escancarada, uma ferida aberta: muitos não têm casa, não têm emprego, vivem na miséria. Os cortes nos gastos públicos, o desmonte do Sistema Único de Saúde (SUS), do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), das Políticas Públicas e a irresponsabilidade “insana” do governante máximo aumentam em muito o caos social no Brasil.

E no meio da desordem as perguntas frequentes: como manter a saúde mental nesses tempos? Como sobreviver à solidão? Como manter a vontade de viver? Como suportar o sofrimento e o luto pós-pandemia?

A Psicologia tem sido convocada a falar e a agir. Tem tentando responder a essa dura realidade que

nos chega 24 horas por dia. Desde o início da pandemia, os Conselhos de Psicologia do Brasil têm atuado na construção de alternativas à emergência sanitária e no reconhecimento do profissional da Psicologia e da ciência psicológica como necessário no enfrentamento à crise.

Desde o dia 13 de março de 2020, o Sistema Conselhos de Psicologia tem trabalhado ainda mais coletivamente, construindo as respostas para as

constantes dúvidas das psicólogas e dos psicólogos. Publicando normativas baseadas na ética, na ciência e na defesa da vida de todos e todas. A flexibilização do atendimento on-line, o atendimento a pessoas privadas de liberdade, a atuação da Psicologia em emergências e desastres, são alguns exemplos. Nossa principal preocupação no momento é com psicólogas e psicólogos cujos trabalhos são essenciais e necessitam efetivamente de condições de segurança para executá-los, com o fornecimento pelos empregadores – públicos ou privados – de EPIs (equipamentos de proteção individual) adequados às normas do Ministério da Saúde e da Organização Mundial da Saúde.

A única certeza é que, quando tudo isso passar, a vida não será mais a mesma. E desejamos mesmo que novas ordens mundiais e de relações surjam acompanhadas da justiça social, da humanidade e da solidariedade.

Gestão Frente em Defesa da Psicologia RS

02 EDITORIAL**04 FIQUE ATENTO**

Covid-19: oiações à categoria | Prazos processos éticos e convocações | Live CRPRS | Pagamento da anuidade

05 RELATO DE EXPERIÊNCIA

Abordagem social na linha de frente do combate à Covid-19

06 REPORTAGEM PRINCIPAL

Covid-19 e os impactos da pandemia em diferentes realidades

12 ARTIGO

GT Biossegurança Covid-19 e o cuidado à categoria de psicologas/os

14 ENTREVISTA

Uma prática voltada ao cuidado da vida

18 PSICOLOGIA E PESQUISA

Sonhos em tempos de pandemia

20 DICAS CULTURAIS

Contágio | Sonhos no Terceiro Reich | O Poço

22 CREPOP/RS

Com força total

23 OBSERVATÓRIO DE DIREITOS HUMANOS

E essa crise?

24 ORIENTAÇÃO

Atendimento psicológico em tempos de pandemia

26 VOCÊ SABIA QUE...

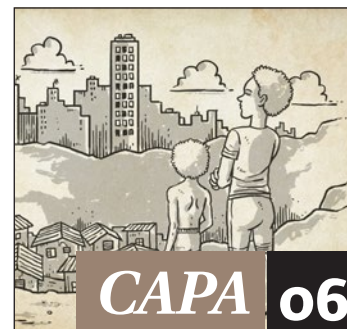
Profissionais da Saúde e a Covid-19

27 ATIVIDADES DE OUTRAS INSTITUIÇÕES

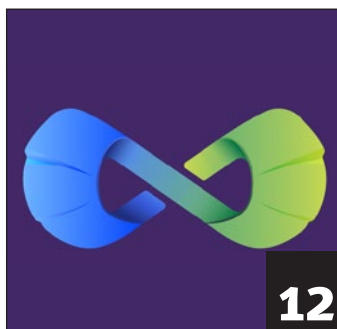
Programa-se



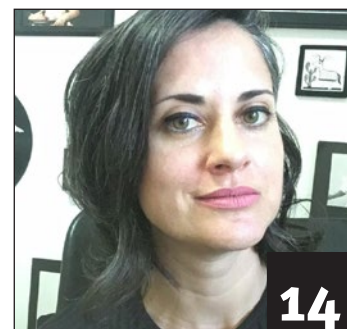
05



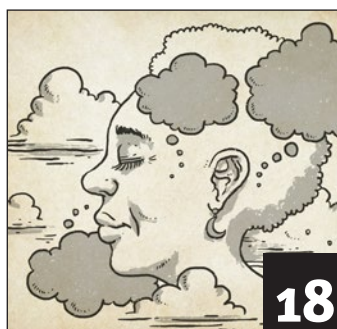
CAPA 06



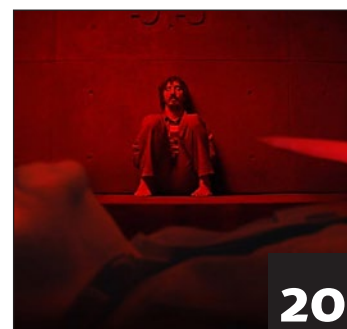
12



14



18



20



23



24

Expediente

Publicação quadrimestral do Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul
Comissão editorial: Dalmara Fabro de Oliveira, Daniela Duarte Dias, Roberta da Silva Gomes e Vera Pasini
Coordenador de Comunicação: Alexandre Dornelles - Jornalista MTb 19846
Jornalista Responsável: Aline Victorino - MTb 11602
Estagiária de Jornalismo: Laura Pontin de Oliveira

Edição digital e editoração eletrônica: Ênfato Multicomunicação
Projeto gráfico: Giornale Comunicação
Ilustrações: Vitor Teixeira
Impressão: Delta Print Editora e Gráfica
Tiragem: 3.750 exemplares
 Distribuição gratuita

🌐 crprs.org.br
 🐦 twitter.com/crprs
 📘 facebook.com/conselhopsicologars
 📺 youtube.com/crprs
 📷 @conselhopsicologars

Comentários e sugestões:
imprensa@crprs.org.br
(51) 3334.6799 | 0800.001.0707

Covid-19: orientações à categoria

O CRPRS criou uma área específica em seu site que reúne orientações e informações sobre a Covid-19: crprs.org.br/covid19. A área está dividida em Orientações do Sistema Conselhos de Psicologia às/aos psicólogas/os; GT Biossegurança Covid-19; Notícias; Prevenção ao Covid-19; Violência doméstica em tempos de Covid-19.

A página também reúne informações sobre o atendimento na Sede (Porto Alegre) e Subsedes (Caxias do Sul, Santa Maria e Pelotas), modificado pela necessidade de evitar a circulação de pessoas. Durante o período em que os atendimentos presenciais e por telefone estiverem suspensos, contatos podem ser feitos por e-mail:

- **Atendimentos relacionados a inscrições e cancelamentos:** cadastro@crprs.org.br
- **Dúvidas relacionadas à cobrança:** fiqueemdia@crprs.org.br
- **Para orientações técnicas sobre o exercício profissional, encaminhar e-mail para orientec@crprs.org.br com a descrição da demanda e número de telefone, com código de área, para que uma/um psicólogo/a fiscal possa entrar em contato.**

Prazos processos éticos e convocações

Os prazos de suspensão das oitivas dos processos disciplinares éticos e sessões de julgamento dos processos disciplinares éticos e de suspensão das convocações da Comissão de Orientação e Fiscalização também foram prorrogados em função da pandemia. Confira em crprs.org.br/covid19.

Lives CRPRS Convida

Desde abril, o CRPRS vem promovendo lives em suas redes sociais com o objetivo de orientar psicólogas/os sobre o exercício profissional em tempos de pandemia da Covid-19.

Avaliação psicológica, abordagem social, Sistema Prisional, Saúde Mental Coletiva, violência doméstica foram alguns temas abordados nas lives.

Os vídeos das lives estão disponíveis na íntegra no IG TV do CRPRS (Instagram) e em crprs.org.br/crprsconvida.

Pagamento da anuidade

O CRPRS prorrogou até 31/08 o prazo para pagamentos da anuidade do exercício 2020, sem a incidência de juros e de multas, seja o pagamento de forma integral ou parcelada, para pessoas físicas e jurídicas, conforme Resolução CRP/07 nº 001/2020. Novos boletos podem ser obtidos pelo link

<http://bit.ly/anuidade2020crprs> (para Pessoas Físicas) ou solicitados pelo e-mail fiqueemdia@crprs.org.br. As/os profissionais e as Pessoas Jurídicas que não realizarem o pagamento da anuidade de 2020 até 31/08 deverão entrar em contato com o CRPRS a partir de 01/09 para realizar nova renegociação.

Abordagem Social na Linha de Frente do combate à Covid-19

Desde o início da pandemia, as equipes do Serviço de Abordagem Social de Porto Alegre, executados por Organizações da Sociedade Civil (OSC) parceirizadas com a Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC), configuram-se como serviços essenciais. Nossos atendimentos à população em situação de rua e às crianças e adolescentes em situação de trabalho infantil-juvenil seguem ocorrendo, com adaptações nas dinâmicas das equipes, construção de protocolos de higienização e uso de EPIs para profissionais e usuários.

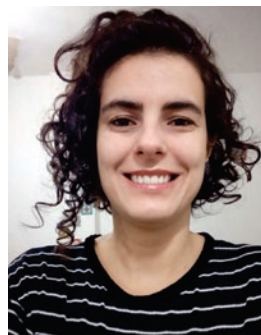
A rua não permite isolamento social, ela é por si a expressão da convivência, do trânsito, da troca, do coletivo. É espaço de exposição a riscos, sem acesso aos recursos que minimizam o contágio, como o distanciamento social, o uso de máscaras, álcool e outros meios de higienização. Com isso, nossas equipes encaram o desafio de criar outras possibilidades que ofereçam proteção e cuidado em meio à pandemia, visando construir alternativas para a superação das situações de vulnerabilidade e da exposição advinda com a permanência no espaço da rua.

Assim, faz-se importante considerarmos que as equipes de Abordagem Social também compõem a linha de frente no combate à Covid-19. As equipes seguem nas ruas, produzindo mecanismos de redução de riscos e danos, ofertando cuidado frente ao caos social, político e de saúde. Os instrumentos de trabalho são nossos corpos, que se colocam à escuta dos sujeitos, construindo as articulações necessárias para garantir o acesso à rede socioassistencial e às políticas públicas e serviços disponíveis.

Composto majoritariamente por pessoas negras – que apresentam importantes fatores de risco frente à Covid-19 (CASSAL & FERNANDES, 2020) - o contexto da rua agrava-se ainda mais. Fortemente marcado pela Necropolítica (MBEMBE, 2016), que define os corpos que devem morrer, vemos a necessidade ainda maior de fortalecer as ações para o cuidado destas populações historicamente atravessadas por questões como racismo, fragilidades no acesso à proteção social, violação de direitos, violência de Estado, rompimento de vínculos familiares, comunitários e sociais e condições de vida precarizadas.



No entanto, para além de medidas temporárias durante a pandemia, nossa tarefa enquanto trabalhadoras/es da Política da Assistência Social está em lutar para a efetivação de políticas públicas que assegurem o direito à vida e à moradia digna. O papel da Psicologia nessa caminhada está em compor essa luta, estando atenta para a escuta, compreensão e intervenção sob os fatores subjetivos e sociais de risco e proteção, promovendo a construção de planos e projetos de vida que produzam rupturas nas situações de vulnerabilidades.



DINAÊ MARTINS
(CRP 07/21911)

Psicóloga, trabalhadora do Ações Rua/Porto Alegre

Referências

CASSAL, Milena. FERNANDES, Talita. A população negra em situação de rua e a Covid-19: vidas negras importam? Tessituras, v.8 s.1 jan-jun 2020. Pelotas/RS. MBEMBE, Achille. Necropolítica. N-1 edições, 2018. São Paulo/SP.

PARTICIPE! Quer compartilhar sua experiência como psicólogo/a? Envie um relato para imprensa@crprs.org.br

Covid 19 e os impactos da pandemia em diferentes realidades

A pandemia da Covid-19 veio para mudar vidas: rotinas alteradas, privilégios e desigualdades sociais foram evidenciados ou se agravaram com o aumento da pobreza, da violência contra algumas populações e do desemprego. A Psicologia é convocada a atuar nessa dura realidade, contribuindo para salvar vidas e diminuir sofrimentos. O momento é também de reflexão sobre como a organização social produz injustiças e promove violações de direitos. E para analisar essa realidade atual, a revista Entrelinhas conversou com representantes de diferentes segmentos da sociedade.

Para o médico sanitarista **Emerson Merhy**, professor de Saúde Coletiva da UFRJ, a ausência de uma política de combate à Covid-19 coloca o Brasil em uma situação dramática. “Enquanto países já estão se estabilizando, o Brasil está lidando com um crescente número de mortes. Devemos prestar atenção não só no volume de casos, mas sim como a doença está em evolução. É isso que acontece quando não se tem uma política por parte do governo federal unificando o conjunto dos entes federativos em uma estratégia comum de ação. Esse não é um dado de incompetência, isso é uma estratégia, uma forma de fazer política”.

O governo federal, segundo Merhy, vem se organizando como um bloco de representações sociais que advogam, com suas ações, naquilo que define como práticas necroativistas. “O conjunto de suas políticas no campo econômico, social e cultural não é um conjunto de ações de produção de vida, mas, sim, de mortes. Representa uma ideia de uma parcela da população brasileira que considera que só algumas vidas importam, por isso a mortandade absurda e a violência contra indígenas, população negra, LGBT e várias minorias. Diante da pandemia, cria uma grande confusão no imaginário social sobre a credibilidade da ciência e, ao mesmo tempo, monta estratégias de sonegação da informação e ataque àqueles que se opõem às suas ações, associando a isso o seu controle de um Estado policial perseguidor”. Merhy prevê que chegará o momento de um caos social, em que a população irá se rebelar contra essa política. “O governo faz alianças com grupos políticos para manejar instituições, como parte das polícias, incentivar grupos de milícia e advogar o caos social. Quanto maior o caos, mais



aumenta seu poder de governar de maneira necroativista na sociedade brasileira”.

A força dos grupos sociais organizados trabalhando em conjunto com profissionais da Saúde é destacada por Merhy como uma estratégia que vem se mostrando eficaz no combate ao coronavírus. “O que tem acontecido é o fracasso da medicina altamente dependente de tecnologias, de altos custos e, normalmente, em ambientes hospitalares. A situação tem revelado que as práticas de saúde de maiores intensidades relacionais são as que mais contribuem para o combate à pandemia”. Nesse sentido, Merhy defende

“ENQUANTO PAÍSES JÁ ESTÃO SE ESTABILIZANDO, O BRASIL ESTÁ LIDANDO COM UM CRESCENTE NÚMERO DE MORTES. DEVEMOS PRESTAR ATENÇÃO NÃO SÓ NO VOLUME DE CASOS, MAS SIM COMO A DOENÇA ESTÁ EM EVOLUÇÃO...”



“O GOVERNO FAZ ALIANÇAS
COM GRUPOS POLÍTICOS
PARA MANEJAR INSTITUIÇÕES,
COMO PARTE DAS POLÍCIAS,
INCENTIVAR GRUPOS DE MILÍCIA
E ADVOGAR O CAOS SOCIAL.
QUANTO MAIOR O CAOS,
MAIS AUMENTA SEU PODER
DE GOVERNAR DE MANEIRA
NECROATIVISTA NA SOCIEDADE
BRASILEIRA”.

a necessidade de as/os profissionais de saúde refletirem sobre as relações interprofissional e “entre profissional”. “É exatamente no ‘entre profissional’ que estão os coletivos populacionais e os usuários, que têm o saber das suas existências para dividir. É fundamental problematizarmos isso e perceber o quanto também existe uma crise na modelagem nas profissões, hoje, no Brasil”.

O impacto da pandemia da Covid-19 tornou ainda mais evidentes lacunas e fragilidades de políticas voltadas a diferentes populações, como LGBTQs, quilombolas e indígenas.

“No quesito gênero e sexualidade é interessante avaliar a falta de acesso a protocolos de saúde, algo que já acontecia até mesmo antes do surgimento da Covid-19, mas que pode, também, estar sendo agravado pelo momento atual”, explica a psicóloga **Sofia Favero**, ativista trans ligada à Associação e Movimento Sergipano de Transexuais e Travestis e



representante do CRPRS no Comitê Técnico de Saúde LGBT do Rio Grande do Sul. Sofia lembra que pessoas trans, por exemplo, ainda enfrentam obstáculos quando buscam serviços nas unidades básicas, tendo em vista questões relacionadas à forma que gostariam de ser chamadas e aos profissionais que pretendem consultar. “A procura por uma especialidade, como seria o caso da ginecologia, permanece sendo uma impossibilidade a homens trans, fazendo com que as demandas se tornem ininteligíveis a um sistema de marcação de consultas”. Para ela, esses novos tempos trazem a necessidade de se pensar políticas públicas à população LGBT que levem em consideração suas demandas, não necessariamente seus lugares de enunciação, e que combatam, principalmente, uma tradição tutelar na assistência.

Para Sofia, a Psicologia deve contribuir na quebra de paradigmas, possibilitando ampliar o acesso à saúde por parte de pessoas LGBTs, que tem sido, historicamente, circunscritas às políticas epidemiológicas. “A Psicologia está aí disputando com uma série de saberes a possibilidade de (re)criar a vida. Por esse ângulo, precisamos afirmar a potência das vidas LGBTs conforme vidas possíveis, vidas que valem a pena ser vividas, que têm uma potência criativa inegociável. Os coletivos e organizações voltados a discussões sobre gênero e sexualidade têm produzido mídias e encontros digitais para que essa distância seja menos expressiva e para que os relatos possam circular. Às vezes, nosso trabalho clínico está justamente em afirmar a amplitude dessas vozes e, de certo modo, ajudá-las a ir além das paredes dos nossos consultórios (ou das nossas telas de computador)”.

Em relação à violência movida por gênero e sexualidade em tempos de isolamento social, Sofia acredita que o conflito pode não ter uma raiz na discriminação, mas que, por causa do processo de se isolar, acaba sendo lido precocemente dessa forma. “O importante é que possamos ver o problema sem necessariamente abordá-lo a partir de binários. Como se a família fosse desde sempre ruim e a pessoa também fosse sempre ser atacada. Pelo contrário, o interessante é compreender que existem fatores que escapam de uma dinâmica puramente sexual. Precisamos admitir o seguinte: as pessoas são mais do que suas identidades. Elas têm personalidades, jeitos, manias, rotinas, rituais. Pode ser que esse período se apresente não como um ciclo de violência, mas de reconciliação”.

Para os indígenas, a pandemia chegou sendo acrescida às inúmeras violações e violências que essa população enfrenta

desde a invasão do Brasil. “Infelizmente este lugar de vulnerável, a depender da ‘atenção’ do Estado, está posto – exigindo dos povos indígenas a luta diária de reafirmar seus direitos, sua dignidade e sua diversidade cultural, a base de sangue e de suas vidas. O Estado tardou ações/protocolos para evitar que a pandemia chegasse aos territórios indígenas. Planos de enfrentamento à Covid-19 deveriam ter sido articulados previamente considerando a organização social dos povos indígenas, pautadas na coletividade, no compartilhar de objetos, espaços e subjetividades”, destaca a psicóloga **Edilaise Vieira** (NitaTuxá), pertencente ao povo indígena Tuxá da Bahia.

Os números de indígenas infectados e de óbitos só crescem e acendem o alerta das divergências das notificações das organizações indígenas e da Secretaria Especial de Saúde Indígena, que excluem os indígenas em contexto urbano*. Enquanto indígenas aldeados sofrem com questões de logística – como falta de recursos materiais e dificuldades de deslocamentos em casos de emergência – os indígenas não aldeados, que já não eram assistidos, tornaram-se ainda mais vulneráveis, pois não são incluídos nos protocolos e planos emergenciais do governo, tendo seu pertencimento identitário invisibilizado. “Há muitos entraves na elaboração de políticas públicas que sejam de fato, efetivas e que acolham a diversidade dos povos, ao passo que garantam a igualdade uma vez que, elas surgem sempre em modelos universalizantes, construídos por e para não-indígenas”. Além disso, a demanda principal dos povos indígenas é o direito de viver e a proteção de seus territórios, espaços onde possam subjetivar sua organização sociocultural. “Isso ainda é negado, pois, desde sempre, sofrem ameaças de invasões aos seus territórios (garimpos, desmatamento, barragens, entre outras), sofrem a ausência de demarcações de terras, são discriminados e marginalizados”.

“NO QUESITO GÊNERO E SEXUALIDADE É INTERESSANTE AVALIAR A FALTA DE ACESSO A PROTOCOLOS DE SAÚDE, ALGO QUE JÁ ACONTECIA ATÉ MESMO ANTES DO SURGIMENTO DA COVID-19, MAS QUE PODE, TAMBÉM, ESTAR SENDO AGRAVADO PELO MOMENTO ATUAL”.



“TEMOS UM ESTADO QUE PLANEJA E EXECUTA POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS AO CONTROLE DOS CORPOS, DAS CULTURAS, DA VIDA DAS PESSOAS NEGRAS, SEM RECONHECIMENTO OU APOIO E ZELO POR AQUILO QUE NOS IMPORTA. POLÍTICAS QUE PRODUZIRAM EXTERMÍNIO DA MEMÓRIA E DEPRECIAÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA TRAZIDA AO BRASIL PELO REGIME DE ESCRAVIDÃO E QUE SEGUEM ATUANDO COM AS MESMAS ESTRATÉGIAS ATÉ OS DIAS DE HOJE”.

Nita Tuxá relata que os povos indígenas não criaram resistência às recomendações da Organização Mundial da Saúde, pois a pandemia foi, desde o princípio, considerada como uma ameaça, já que historicamente, no processo da colonização, uma das armadas utilizadas pelos colonizadores para o genocídio foi a “doença”. “Na medida das possibilidades, as comunidades mudaram suas rotinas, adiaram rituais e festejos, aderiram ao fechamento ou restrições da entrada de pessoas em seus territórios. O que nos parece luz em meio a tanta escuridão deste contexto é que as organizações indígenas, juntamente com aliados, estão criando estratégias para suavizar e/ou superar a situação. Temos presenciado organizações não governamentais garantindo lugar de fala aos indígenas, criando espaços de debate para provocar ações governamentais; temos visto campanhas de doações de alimentos e materiais de higiene; intervenções locais de assistência (no âmbito municipal). São perspectivas para

impulsionar ações intersetoriais. Precisamos ter em mente que, sob qualquer contexto, vidas indígenas importam”.

Para o **Conselho de Anciões da Comunidade Kilombola Morada da Paz – Território de Mãe Preta CoMPaz**, localizada no município de Vendinha, a pandemia da Covid-19 corporifica e intensifica aquilo que já conhecem: a presença de um estado nocivo. “Temos um Estado que planeja e executa políticas públicas voltadas ao controle dos corpos, das culturas, da vida das pessoas negras, sem reconhecimento ou apoio e zelo por aquilo que nos importa. Políticas que produziram extermínio da memória e depreciação da população negra trazida ao Brasil pelo regime de escravidão e que seguem atuando com as mesmas estratégias até os dias de hoje”.

As medidas de restrição e isolamento impostas não levaram em consideração as necessidades de comunidades como essa. “Diante da pandemia o estado não considerou as necessidades específicas de acesso à comunicação e ao transporte público, por exemplo. A estratégia de educação à distância produziu ainda mais desigualdade, na medida em que a localização do nosso território, fronteira entre dois municípios, não oportuniza acesso aos meios digitais e torna ainda mais desigual o acesso à educação. Com a restrição de transporte intermunicipal e urbano tornou-se pouco viável a mobilidade dos moradores e as trocas entre as comunidades”, explicam.

A Comunidade Morada da Paz entende que as estratégias de combate ao coronavírus adotadas pelo governo evidenciam e reiteram as políticas racistas e de eliminação. “As comunidades *kilombolas* e tradicionais foram, mais uma vez, abandonadas para se gerir, mas perguntamos: como é possível se gerir com nada? Nesse momento de pandemia e pandemônio o que se sobressai são as atividades autogestionadas de grupos e pessoas isoladas, em que conseguimos perceber no inferno aquilo que não é inferno, onde se consegue encontrar solidariedade e compaixão e a possibilidade de re-existir”.

As dificuldades de se cumprir o isolamento social quando não se tem condições mínimas para isso e a força da solidariedade também é relatada por **Rodrigo Rodrigues**, presidente da Associação de Moradores da Vila Tijuca, Morro Santana, em Porto Alegre. Ele lembra que nas primeiras semanas o sentimento geral era de medo e incertezas. “Poucas pessoas se arriscando a sair de casa e preocupação, principalmente com as crianças. Passado esse primeiro

momento a situação foi ficando mais preocupante, pois se percebeu que seria um processo longo o isolamento. Para as famílias das áreas mais altas do morro, ainda tinha o agravante das constantes falta de água, o que era uma necessidade para garantir a higienização. E agora, principalmente nas áreas mais desassistidas, o principal problema é a questão da renda e da alimentação. Muita gente se arriscando e voltando às ruas, e muita gente procurando algum tipo de assistência social”.

A Associação mantinha um convênio com a Fundação de Assistência Social e Cidadania, que garantia o funcionamento do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV). De acordo com Rodrigo, o contrato foi suspenso e as crianças perderam este serviço e o local onde muitas faziam suas únicas refeições. Para driblar essas dificuldades, a Associação vem se organizando com ações solidárias, buscando garantir itens básicos de higiene e alimentação para as famílias da região. Também estabeleceu parcerias com os cursos de Química e Farmácia da UFRGS, para fornecer álcool gel e EPIs para as agentes de saúde e assistentes sociais, e com o projeto Ação Rua, cedendo o espaço da Associação para garantir banho, roupas limpas e alimentação ao menos três vezes por semana para a população em situação de rua. “Em paralelo, seguimos cobrando uma postura e resposta mais eficiente do poder público, que deveria estar garantindo o mínimo necessário para que essas pessoas pudessem de fato estar cumprindo com o isolamento social com alguma dignidade”, cita Rodrigo.

As diferentes falas nos mostram que a pandemia da Covid-19 evidenciou problemas já existentes na sociedade e que o fundamental, nesse momento, é reforçar o compromisso da Psicologia na defesa da vida.

*Informações sobre esses registros podem ser encontradas no site da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) <http://apib.info/apib/>.

Confira em crprs.org.br/entrelinhas:

- Video com relato de Emerson Merhy
- Depoimentos na íntegra de Sofia Fávero, Edilaine Vieira (Nita Tuxá) e do Conselho de Anciões da Comunidade Kilombola Morada da Paz – Território de Mãe Preta CoMPaz.

GT Biossegurança Covid-19

e o cuidado à categoria de psicólogas/os



O Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul vem trabalhando intensamente no acompanhamento da evolução da pandemia do novo coronavírus e os sentimentos que nos movem são a preocupação com a vida, o zelo com nossa categoria e a ética do cuidado coletivo. O que vivemos é uma situação inédita, embora o acúmulo de discussões sobre a conjuntura evidencie que não é inesperada ou surpreendente. Muitas são as crises dentro desta crise, assim como são muitas as realidades frente a ela. O horizonte de nossas escolhas é a proteção da vida das psicólogas e psicólogos e da sociedade à qual prestamos nosso trabalho. O tempo que nos move é a urgência frente ao risco de quem não pode ficar em casa. Por isso, temos concentrado esforços em acompanhar o impacto da pandemia

nos diferentes cenários de atuação profissional e orientar a categoria para que sua atuação ocorra em condições seguras e pautadas pela ética do cuidado pela vida acima de todos os outros valores. Instituímos o GT de Biossegurança a partir da percepção da complexidade deste cenário novo e dinâmico para as condições de trabalho e atuação. Com ele, iniciamos o mapeamento das condições de trabalho de psicólogas/os no contexto da pandemia. O GT pretende, também, planejar e executar ações de orientação a gestoras/es públicos e privados de espaços com atuação de psicólogas/os; construir diretrizes com respaldo técnico para o exercício da profissão considerando a pluralidade do exercício profissional; contribuir com a proteção das/os trabalhadoras/es de políticas públicas essenciais.

Envio de máscaras

Nossas primeiras medidas foram tomadas com base na necessidade de proteger quem não tem a opção de ficar em casa e que está exposto/a diretamente ao risco, muitas vezes fazendo uso de EPIs inadequados ou irregulares - trabalhadoras/es das políticas públicas e sociais essenciais cujas/os gestoras/es não estão cumprindo com a disponibilização de EPIs e condições de biossegurança no meio ambiente de trabalho, podendo ser vetores de contágio para usuárias/os.

Para isto, concentraremos esforços na aquisição e disponibilização de máscaras como medida emergencial para a proteção imediata de quem está totalmente desprotegido/a e sem respaldo das/os gestoras/es. O ineditismo e o dinamismo da situação não nos permitem muita previsibilidade, e será necessário avaliar e rever prioridades e urgências ao longo da distribuição desse EPI. O que sabemos ao certo é que esta ação não se sobrepõe às obrigações das/os gestoras/es (às quais seguiremos vigilantes) e que será um desafio logístico cuja resposta será apenas parcial, diante de um problema de magnitude incerta a médio e longo prazo, mas entendemos

que a ausência de certezas não deve nos impelir à ausência de ações.

Próximas ações

Contratamos uma assessoria de biossegurança para que possamos contar com respaldo técnico para a interpretação sistematizada das recomendações e normativas de vigilância sanitária e indicações técnicas e científicas que contemplem os diferentes cenários de trabalho dos campos psi e construir diretrizes específicas de biossegurança a serem adotadas de acordo com o ambiente e característica de cada contexto de trabalho. Desejamos contribuir, com isso, para que o trabalho das/os psicólogas/os das diferentes áreas de atuação possa se dar com o máximo de prevenção e segurança possível, com a compreensão dos cuidados necessários para cada contexto – não apenas do uso de máscaras, mas do conjunto de ações, comportamentos e condições ambientais – e auxiliar também, por meio de orientação, gestoras/es públicos e privados de espaços com atuação de psicólogas/os.

GT Biossegurança Covid-19

➔ Participe do mapeamento das condições de trabalho de psicólogas/os no contexto da pandemia. Acesse bit.ly/epi_crprs.

➔ As ações do GT de Biossegurança seguirão em constante avaliação. Sugestões podem ser enviadas pelo e-mail gtbiosseguranca@crprs.org.br.

➔ Acompanhe as ações do GT em crprs.org.br/biosseguranca

Uma prática voltada ao cuidado da vida



"É com leveza, criatividade e apostando na vida que as/os psicólogas/os devem atuar em um momento tão difícil como o que vivemos". Assim acredita a psicóloga Débora Noal, entrevistada desta edição da EntreLinhas. Psicóloga sanitária, pós-doutoranda em Saúde Mental e Desastres pela FIOCRUZ-RJ, doutora e mestre em Processos do Desenvolvimento Humano e Saúde (UnB), Débora desenvolve, desde 2008, trabalhos relativos ao cuidado em saúde a populações e trabalhadores que vivenciam desastres naturais (terremotos, furacões, deslizamentos de terra e inundações) e humanos (guerras, conflitos armados e étnicos, desnutrição severa, migrações e deslocamentos forçados). Compõe a "Equipo Regional de Respuesta en Salud" da Organización Panamericana da Saúde e atualmente está à frente de pesquisas e estratégias para intervenção na atenção psicossocial e saúde mental das/os profissionais de saúde que combatem a pandemia da Covid-19 no Brasil.

Quais os principais desafios que as/os psicólogas/os estão enfrentando com relação à pandemia da Covid-19?

Neste momento de pandemia, existem vários desafios que as/os psicólogas/os estão enfrentando, entre eles, a falta de informação e formação para lidar com isso. Lembrando que a maior parte das instituições de graduação, no Brasil, não abordam as urgências, emergências, desastres, catástrofes, eventos críticos e, muito menos, as pandemias para que os profissionais consigam utilizar seus conhecimentos em prol dessas necessidades específicas.

Outra dificuldade é a questão do tempo, que é curto, para as/os psicólogas/os oferecerem uma resposta, em tempo real, condizente com a demanda e

embasada em evidências científicas. Embora essas evidências já estejam surgindo, nos baseamos, ainda, em outras pesquisas e epidemias, como SARS, MERS e Ebola, que, anteriormente, também mostraram indícios de impacto à saúde mental e na atenção psicossocial.

Em uma emergência, as/os psicólogas/os trabalham, normalmente, com a urgência do outro. Com a pandemia, a demanda dos pacientes, como a inquietude, os conflitos, as dúvidas, a dificuldade de controle de infecção, de manter-se no isolamento e de sentir-se sozinho, passa a ser da/o psicóloga/o também. Esse é o grande diferencial de trabalhar nesta realidade, saber primeiro como lidar com o nosso sofrimento para poder ajudar terceiros.

A Psicologia vem ganhando mais visibilidade nesta pandemia?

Sim, a pandemia deixa claro o quanto a saúde mental e a estrutura psíquica têm impactado diretamente na imunidade do corpo. A imunidade é fundamental para que a gente consiga fazer frente às dificuldades diante de uma doença que ainda não tem cura, como a Covid-19. Eu espero que isso se amplie e dê mais noção às pessoas para que tenham um cuidado mais amplo com a saúde.

Como a/o psicóloga/o pode conciliar a necessidade de usar Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) e conectar-se com o paciente, demonstrar afeto?

Existem muitas formas de utilizar os EPIs e também de se conectar com o paciente. O que eu costumo sugerir é que a gente consiga utilizar a leveza e a criatividade, bom-humor, estratégias que deem a sensação de que de fato nós estamos investindo na vida e não conectados com a morte. Então, é possível, sim, sorrir com máscara e trazer leveza para o cuidado no tom da nossa voz. A prática, agora, precisa estar voltada para o cuidado da vida. Eu posso fazer um crachá com a minha foto e, se atendo crianças, posso fazer brincadeiras, como desenhar um sorriso na minha máscara. É importante que a/o psicóloga/o se sinta confortável fazendo isso, não pode ser desconfortável a ponto da/o profissional pensar que isso não faz parte da forma dela/e de cuidar. Por isso, ela/e tem que ser honesta/o

com o paciente. O afeto, nesse tipo de pandemia, é oferecido e demonstrado nos detalhes. São os detalhes que vão deixar evidentes se nós estamos conectados de uma forma mais afetiva, criativa e leve ou se nós estamos mais conectados com a dor e sofrimento.

Qual a importância de profissionais que estão na linha de frente cuidarem de sua saúde mental?

O cuidado da saúde mental para os profissionais que estão na linha de frente é fundamental, essa é a base do cuidado. Eu preciso cuidar da minha biossegurança e do controle da infecção através dos Equipamentos de Proteção Individual. Mas sem eu ter a sensação de que estou confortável na minha própria pele, que eu tenho ferramentas e instrumentos para lidar com o estresse, com a tensão, com os conflitos, medos e estigmas, é muito difícil de ter uma durabilidade no processo de trabalho.



Portanto, é importante que as/os profissionais estejam atentos, mas que os colegas e gestores também ajudem a tentar e a produzir um cuidado em massa.

Tão ou mais necessário do que fazer terapia ou receber os cuidados de um profissional adequado, diretamente da saúde mental, é pensar nesses cuidados amplos. Ter seus direitos e suas garantias trabalhistas e noção de protocolos de cuidado, também dialogam com os cuidados da saúde mental, nesta fase da pandemia.

O que esperar do mundo pós-pandemia?

Aquilo que eu devo esperar sobre um período pós-pandemia deve estar diretamente conectado com aquilo que eu faço hoje, em termos de cuidado com a saúde mental, a minha e a dos outros. Lembrando que, quando se trata do ser humano, tudo é imprevisível e não há um método exato para seguir. Então, temos que começar a pensar como podemos nos reconfigurar como ser individual e, também, como humanidade, porque é possível ressignificar, através de construções feitas agora, no presente.

Em um artigo, por exemplo, publicado este ano, nos Estados Unidos, é observável que quando vivemos momentos extremos, como desastres, catástrofes e conflitos, espera-se que o número de suicídios cresça no primeiro mês, mas a pesquisa mostra que quando a comunidade se junta para discutir cuidados coletivos e pensar estratégias para isso, o número de suicídio diminui para um número inferior ao que era antes do evento extremo.

É possível esperar um mundo melhor, mas pra isso é preciso agir, interagir com as pessoas e pensar em propostas. Por isso, eu lanço um desafio para que as/os psicólogas/os gaúchas/os sigam pensando no que podem fazer hoje, como juntar um coletivo maior de profissionais e buscar estratégias que de fato impactem o nosso entorno e que isso faça diferença a curto, médio e longo prazo.

De que forma as políticas públicas no Brasil podem se fortalecer para enfrentar situações como a que vivemos hoje?

A primeira forma de fortalecer as políticas públicas é pensar em estratégias de implementação. Temos,

sim, um sistema que funciona, mas ele vai precisar de investimentos financeiros e, principalmente, e recursos humanos. Pensar em como investir e cuidar dessas/es profissionais que estão na linha de frente, de maneira segura.

Tem um artigo muito interessante que fala sobre o que fez a diferença para os trabalhadores chineses no início da pandemia do Covid-19. Ele mostra que quando os trabalhadores conheciam os protocolos de biossegurança, tinham confiança em seus gestores e a sensação de estarem sendo cuidados, sentiam-se encorajados e pertencentes ao processo. Isso faz com que a saúde mental deles tenha um impacto diferenciado, porque eles deixam de se sentir como mecanismos e ferramentas a serem usados, para se sentirem como humanos também.

Que dicas você daria para os profissionais da Psicologia que estão atuando ou querem atuar em situações de emergências e desastres?

A primeira dica é: estudem, façam curso. Deixo a dica do Curso Nacional de Atenção Psicossocial e Saúde Mental na pandemia Covid-19 – EaD, que montamos na Fiocruz, em parceria com dezenas de pesquisadores do Brasil e de alguns outros países que foram nos ajudando a pensar cartilhas com recomendações e orientações técnicas para os profissionais.

A segunda dica é: interajam em coletivos maiores. Muitas vezes, na nossa profissão, pensamos de uma forma mais individual (cuidar de um a um), mas agora precisamos pensar estratégias conectadas, que deem uma sensação de pertença e amplitude do cuidado. Oferecer atendimentos individuais é importante, mas ancorar isso em instituições, baseados e conectados com políticas públicas é fundamental para gerar um impacto na população que a gente cuida.

A terceira e última dica é: olhem para si. O que te inquieta, te mobiliza e te incomoda? O que você faz com isso e, a partir daí, como é possível cuidar de outros?

Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19

O Centro de Estudos e Pesquisas em Emergências e Desastres em Saúde (Cepedes) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) está desenvolvendo uma série de cartilhas sobre “Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19”. As cartilhas estão sendo elaboradas sob a coordenação da diretora da Fiocruz Brasília, Fabiana Damásio, e de Débora Noal, como pesquisadora da instituição, e tem a participação dos pesquisadores do Centro de Estudos e Pesquisas em Emergências e Desastres em Saúde (Cepedes/Fiocruz).

Com linguagem acessível, o material foi desenvolvido para orientar a população, as/os trabalhadoras/es da saúde e as/os gestoras/es nas tomadas de decisão.

Já foram publicadas cartilhas com os seguintes enfoques: recomendações gerais; recomendações para gestores; recomendações para o cuidado de crianças em situação de isolamento hospitalar; paliativos – orientações aos profissionais de saúde; recomendações aos psicólogos para o atendimento online; processo de luto; a quarentena na Covid-19 - orientações e estratégias de cuidado; orientação aos trabalhadores dos serviços de Saúde; crianças na pandemia da Covid-19; violência doméstica e familiar; população em situação de rua; prevenção do suicídio; orientações a trabalhadoras/es e gestoras/es do Sistema Único de Assistência Social (SUAS).

Os materiais estão disponíveis no site da Fiocruz <https://portal.fiocruz.br>.

Sonhos em tempos de pandemia

O projeto de pesquisa “Sonhos em tempos de Pandemia” iniciou como um trabalho conjunto de três universidades públicas brasileiras: UFRGS, UFMG e USP. No Rio Grande do Sul, a pesquisa é coordenada pelas professoras Rose Gurski e Cláudia

Perrone (ambas do Instituto de Psicologia da UFRGS), na USP, pelos professores Christian Dunker e Miriam Debieux Rosa, e na UFMG pelo professor Gilson Iannini. De modo geral, os Núcleos e Laboratórios de Psicanálise, envolvidos no estudo, têm em comum



a realização de trabalhos de extensão e de pesquisa implicados com a construção de modos de levar a escuta psicanalítica – tradicionalmente marcada pela experiência em clínica privada – para outros espaços da cidade, aproximando a Universidade das demandas da sociedade.

Nosso interesse pelos sonhos iniciou em 2019 frente ao clima de polarização crescente na sociedade e o empobrecimento do livre pensar; começamos, junto com colegas da USP, a construir a noção de oniropolítica, buscando, através do trabalho com o sonho e com o despertar, uma possibilidade de fazer furo no discurso totalitário, religioso e hermético da atualidade. Importa dizer que o trabalho que queremos construir com a oniropolítica não é relativo à dimensão terapêutica do sonho, nem tampouco à proposta de construir noções específicas de uma biografia ou mesmo da psicopatologia do sujeito. Trata-se de pensar na função coletiva do sonho e do sonhar.

Desde o início da articulação entre sonhos, psicanálise e política tivemos como inspiração o livro “Sonhos do Terceiro Reich”, da jornalista alemã Charlotte Beradt. No livro, ela narra a compilação de 300 sonhos de alemães depois da ascensão de Hitler, entre 1933 e 1939. Nas narrativas oníricas desses alemães, podemos identificar críticas ao momento social que suscitava angústia, medo e impotência. Com os relatos, também vemos que, além das questões pessoais, a opressão e as diversas transformações na vida social infiltravam-se no espaço mais íntimo dos sujeitos, o inconsciente (Iannini et al., 2020). Assim, buscamos essa inspiração na tentativa de adensar a ideia de que a psicanálise não se apresenta somente como uma clínica do sofrimento psíquico individual, mas também como uma forma crítica de pensar as questões coletivas do tempo presente.

Com a chegada dos efeitos psíquicos da pandemia da Covid-19, nossas interrogações iniciais tiveram

uma breve torção: “Será que narrar os sonhos construídos em meio aos medos e pânicos gerados pela pandemia, pode ajudar na economia psíquica dos sujeitos? Que estratégias psíquicas os sujeitos acometidos pela angústia atual tem utilizado nos sonhos?”.

Ao abrirmos espaço para que os sujeitos narrem seus sonhos a um outro, seja falando ou escrevendo, estamos proporcionando um espaço para que a angústia inevitável do momento possa ser minimamente elaborada e para que o *non sense* atual ganhe um sentido mínimo e compartilhado. Ou seja, através desta pesquisa-intervenção temos a possibilidade de alargar as bordas dos estudos sobre sonhos e, simultaneamente, tratarmos o momento histórico em que vivemos, provocando a imaginação coletiva em busca de outras interpretações para as vivências e experiências atuais.

Optamos por escutar sonhadores das áreas da Saúde e da Educação por entendermos que são atividades em que as pessoas estão ainda mais fragilizadas do ponto de vista da saúde mental. Por um lado, temos profissionais da saúde trabalhando na linha de frente, expondo-se ao risco de vida e, por outro, educadores, de diferentes níveis de ensino, em função do isolamento social, vendo-se no desafio de criar novas maneiras de transmitir e ensinar à distância sem qualquer tipo de respaldo metodológico.

Temos recebido muitos relatos. Na amostra do RS e SP já temos mais de 300 sonhadores e, apesar da pesquisa ainda estar em fase de coleta dos sonhos e associações, alguns materiais já estão começando a ser discutidos. Planejamos o lançamento do primeiro livro para outubro deste ano.

E-mail para envio de sonhos:
oniropolitica@gmail.com

ROSE GURSKI E CLAUDIA PERRONE

Professoras do Instituto de Psicologia da UFRGS

Filme

Contágio



Um vírus se origina na China e, devido a fatores como a globalização, se espalha rapidamente por diversos países. A rapidez de disseminação e as altas taxas de hospitalização e letalidade preocupam as autoridades dos países já atingidos. Apesar da possível ligação com o consumo e a venda de animais silvestres, a forma de contágio entre os humanos e as causas dos agravamentos são desconhecidos.

Enquanto cientistas e órgãos de saúde buscam solucionar tais questões chaves para chegar a imunização ou cura, as pessoas são orientadas a

manter distanciamento e isolamento social para evitar o contágio. Porém, essa simples orientação traz consigo inúmeros novos problemas. Em pouco tempo, a doença deixar de ser o foco, passando para os problemas sociais que ela produziu. Ao mesmo tempo, governantes se esquivam e menosprezam a seriedade do momento, o medo da fome e do contágio faz com que pessoas se exponham e se agridam na busca por auxílio e também revela outro inimigo: a disseminação de informações falsas.

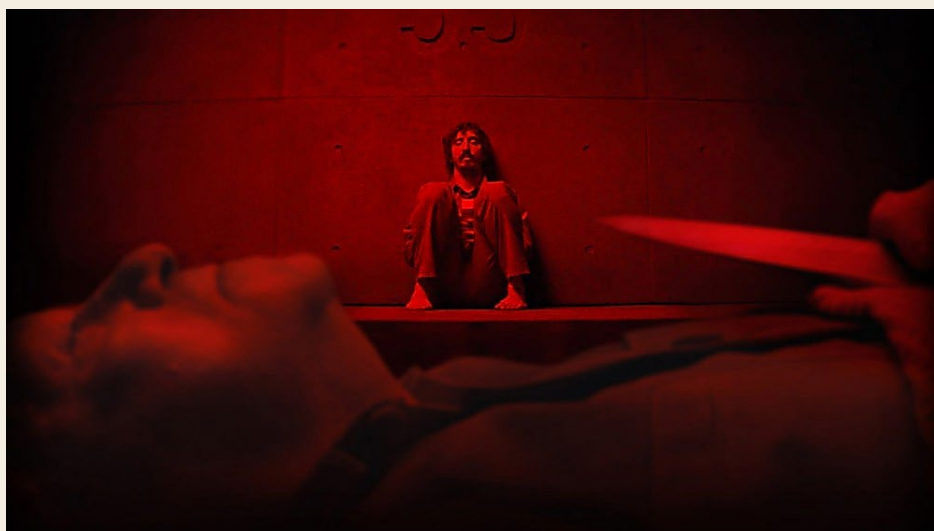
Essa narrativa é sobre o filme “Contágio”, suspense lançado em 2011, mas encaixa-se perfeitamente na situação vivenciada em 2020 devido à pandemia causada pelo novo coronavírus. As semelhanças são assustadoras e nos levam a questionar uma possível premonição por parte dos criadores. A verdade é que, mesmo antes da chegada da pandemia, a ciência já antecipava que o nascimento de um vírus com alta capacidade de transmissão e hospitalização – mesmo com índice de letalidade não tão alto como na ficção – poderia trazer à tona este cenário de emergência e colapsar a maior parte dos sistemas de saúde do mundo. O que não contávamos, talvez, era com a incapacidade dos governantes de lidarem com essa situação, o que gerou ainda mais insegurança e pânico na população.

O fantástico da trama está em justamente trazer para a ficção e transformar em terror aquilo que hoje é real para todos nós: o medo do contágio, a confusão da desinformação, a falta de empatia e o caos que podemos esperar a partir do momento em que hospitais e mercados passam a ser invadidos e o potencial da doença é desacreditado e até rechaçado por alguns governantes.

Dalmara Fabro de Oliveira (conselheira do CRPRS)

Filme

O Poço



seguinte comer. Entretanto, isso não acontece e, enquanto uns se fartam, abusando do seu privilégio de estarem nos andares mais altos, menos sobra para os que estão abaixo.

O filme nos mantém em estado de tensão, enquanto expõe os efeitos danosos da divisão de classes, chamando nossa atenção para os modos competitivos e excludentes que estruturam este tipo de organização social.

Lançado em 2019 e dirigido por Galder Gaztelu-Urrutia, “O Poço” retrata uma prisão estruturada em andares na qual os personagens estão inseridos por diferentes motivos. Diariamente, ao soar de uma sirene, uma enorme plataforma desce para alimentar cada andar. O nível zero produz o consumo e possui abundância, já aos outros 333 andares – com duas pessoas por andar – cabe a administração do alimento para servir a todos.

Os prisioneiros permanecem um mês em cada andar, por uma definição aleatória. Aos poucos, vamos entendendo que, se houvesse uma divisão racional dos alimentos, sobraria o suficiente para o andar

Em alguns momentos é difícil suportar a força dos afetos, por evidenciarem aspectos da humanidade que poderíamos considerar inaceitáveis. Entretanto, nos faz ver que situações idênticas acontecem cotidianamente e muitas vezes não buscamos modificá-las, podendo inclusive serem banalizadas. Ao mesmo tempo, nossa atenção é capturada pela sucessão de acontecimentos, talvez pelo desejo de que possamos ter um “final feliz”, que possa aliviar a sensação, crescente ao longo do filme, de desesperança na humanidade.

Vera Lucia Pasini e Dalmara Fabro de Oliveira
(conselheiras do CRPRS)

Literatura

Sonhos no Terceiro Reich:

com o que sonhavam os alemães depois da ascensão de Hitler, de Charlotte Beradt



Charlotte Beradt (1907-1986) coletou relatos de sonhos de mais de 300 pessoas, a grande maioria não simpatizantes ao governo, ao menos de forma consciente, e publicou um livro em 1966. Os sonhos foram coletados entre 1933 e 1939 na Alemanha. Ela nasceu em uma família judia e

trabalhou como jornalista e crítica teatral. Os sonhos relatados expressam uma invasão daquilo que é tido como público no espaço privado são os sonhos

impulsionados pela ditadura. É possível perceber nos relatos o clima de “medo e repulsa” presente mesmo antes dos campos de concentração em massa e do aniquilamento de milhões de pessoas. Beradt não toma os sonhos como profecias, ainda que os (as) sonhadores (as) não soubessem do que estava por vir, nem faz uma análise psicológica ou sociológica, mas os compreende como expressões da “sensibilidade aguçada” de pessoas que captaram sinais sutis de uma realidade impensada e absurda que estava a ser gestada.

Daniela Duarte Dias (conselheiras do CRPRS)



Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas

com força total!

Os efeitos da pandemia da Covid-19 no Brasil têm demonstrado, de forma ainda expressiva, a importância fundamental de fortalecermos as políticas públicas como possibilidade de garantia de condições de vida dignas à população. Frente a isso, o investimento nas ações do Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP) em nível regional tem sido considerado, pela gestão Frente em Defesa da Psicologia RS, como uma ferramenta estratégica de enfrentamento ao crescente processo de precarização das políticas públicas em nosso estado. Essa retomada teve início com a reestruturação da equipe de trabalho local e com o impulsionamento de projetos que buscam atender as demandas da categoria no Rio Grande do Sul e resgatar o lugar de referência do Centro para as psicólogas e os psicólogos do nosso estado.

Para quem não conhece, o CREPOP atua, desde 2006, em um processo de (re)conhecer, formular e orientar as práticas profissionais da Psicologia desenvolvidas nos diferentes campos das Políticas Públicas.

Para o ano de 2020 foram elencados pelo Sistema Conselhos como temas prioritários de aproximação e investigação para a produção de Referências Técnicas as práticas profissionais desenvolvidas no âmbito das Unidades de Acolhimento do Sistema Único de Assistência Social e das Políticas de Prevenção ao Suicídio e Autolesão. Sendo assim, convidamos a todas/os psicólogas/os que atuam em ambas as

políticas a entrar em contato conosco para que possamos conhecer melhor seu trabalho.

Regionalmente, o CRPRS tem recebido sistematicamente denúncias relacionadas à precarização das condições de trabalho das psicólogas/os, em especial daqueles que atuam nas esferas públicas, seja da administração direta, seja em serviços conveniados. Em decorrência disso, o CREPOP/RS, em articulação com as diversas comissões do CRPRS, tem atuado na construção de um Observatório de Violências Institucionais que tem por objetivo a produção de informações que sirvam de subsídios para enfrentar todo tipo de violência nos espaços de trabalho.

Conheça mais sobre esse e outros projetos regionais do CREPOP/RS através do site <http://crprs.org.br/crepop> ou entrando em contato pelo email crepop@crprs.org.br.

CAROLINA DOS REIS

Conselheira de Referência

RODRIGO SHAMES ISOPPO

Assessor Técnico de Políticas Públicas

E essa crise?

A crise do coronavírus é uma crise sanitária? Econômica? Social? Política? A pandemia produz um estado de crise ou são as crises já existentes que levaram à pandemia? De quem é a responsabilidade por ela? Como ela afeta o futuro? Muitas perguntas emergem da situação que vivemos. Precisamos olhar a pandemia para além do vírus, pois o mundo não será - e nem deve ser - o mesmo depois da crise da Covid-19; nem a Psicologia.

A Comissão de Direitos Humanos produziu a campanha “E essa crise?”,

com testemunhos que jogam uma lupa sobre as desigualdades sociais e violações de direitos que aparecem amplificadas e agravadas na pandemia. Na agenda do país, a pressão para a retomada da economia - mas se antes da pandemia 40% dos/as trabalhadores/as já viviam de trabalho precário (romantizado como empreendedorismo), a economia garantirá direitos para quem? A vida em sociedade deveria funcionar de modo que o resultado das ações do Estado gerasse condições de vida digna para todas as pessoas; mas a miséria, a fome, a violência contra as mulheres, a morte da juventude negra, o descaso com a vida dos povos indígenas não são uma criação da pandemia - já são a crise de sempre. Como se não soubéssemos que o mundo divide algumas vidas que importam e muitas vidas que não importam. Ainda que a pandemia salte aos olhos, nós a vemos diferente de acordo com o valor que cada vida tem



no imaginário social. As vidas que menos valem estão pagando a conta dessa crise.

Devemos exigir um Estado realmente garantidor de direitos para a sociedade que nunca fomos e que precisamos ser. Temos a tarefa de reinventar essa humanidade sedimentada na construção de abismos entre o privilégio de uns e a miséria de tantos. Se estamos só esperando a vida voltar ao “normal” como antes, é porque estamos concordando em não enfrentar as crises de sempre. E por isso, insistimos: e essa crise? Que Psicologia somos (ou seremos) para enfrentá-la? Que sociedade construiremos a partir dela? Confira a campanha em nossas redes sociais.

CRISTINA SCHWARZ

Conselheira CRPRS

Presidenta da Comissão de Direitos Humanos

Atendimento psicológico em tempos de pandemia

A partir da declaração de pandemia da Covid-19 feita pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em março deste ano, toda sociedade foi obrigada a adaptar-se a uma nova realidade. Para psicólogas e psicólogos e para o próprio Sistema Conselhos de Psicologia, o principal desafio, naquele momento, era de viabilizar a continuidade dos serviços e atendimentos que vinham sendo desenvolvidos nos mais diferentes espaços e instituições.

Antes da pandemia, o atendimento online e o uso de tecnologias da informação e comunicação eram apenas uma opção e, para muitos, uma prática distante. A partir deste momento, pelo contrário, para poder dar sequência aos serviços psicológicos – respeitando as limitações impostas pelo isolamento social – a/o psicóloga/o é desafiada/o ao desconhecido e, para dar conta dessa nova realidade, precisa reinventar-se, introduzindo em seu fazer, tanto no âmbito privado como no setor público, elementos novos, para alguns, nunca antes experimentados, como o atendimento online e o trabalho remoto. Dada a absoluta excepcionalidade e emergência do momento, foi publicada a Resolução CFP nº 004/2020, que apresenta normativa específica a este período de pandemia, complementando a Resolução CFP nº 011/2018 que regulamenta a prestação de serviços psicológicos realizados por meios de tecnologias da informação e da comunicação, ambas em vigência.

A crise gerada pela pandemia da Covid-19 deflagra sofrimentos sociais e expõe fragilidades humanas – inclusive as suas próprias – com as quais a/o profissional tem que lidar e estar preparada/o para conduzir com eficiência. Esta/e passa a ser demandada/o, quase que em caráter emergencial, para acolher e aliviar o sofrimento psíquico e auxiliar no acolhimento e na vulnerabilidade à qual as pessoas foram expostas subitamente.

É diante desse contexto e para essa realidade que as/os psicólogas/os devem estar atentas/os aos princípios

éticos, previstos no Código de Ética Profissional da/o Psicóloga/o, e os técnicos, por meio de suas Resoluções, fundamentados na observância dos direitos humanos em qualquer contexto e modalidade de atendimento. Assim, antes de fazer uso de novas ferramentas e diferentes estratégias, nesse processo de adaptação, a/o profissional deve ter muito cuidado para não extrapolar os limites técnicos e éticos impostos pela legislação da profissão. Respeitar esses limites, ter as condições adequadas para o trabalho, capacitação no campo de atuação, bem como adaptação às novas exigências de atuação, que podem incluir medidas de biossegurança e sanitárias, são estratégias necessárias para o andamento do trabalho das/os psicólogas/os.

O Conselho orienta e auxilia para que cada profissional valorize o seu trabalho, por meio do exercício adequado e técnico, preocupando-se com situações que vilipendiam e banalizam a profissão, desta forma temos a seguir algumas orientações:

1. Em qualquer atividade profissional a ser oferecida, identificar haver condições técnicas e capacitação adequada, seja atividade desenvolvida remota (online) ou presencialmente.
2. Verificar motivos e condições (psicológicas, logísticas e econômicas) de quem está solicitando o serviço, seja um sujeito ou uma instituição, enfatizando quanto à importância da análise de viabilidade técnica do atendimento remoto, caso a

caso, lembrando que não são todos os sujeitos e situações que podem se beneficiar deste formato de atendimento.

3. Mesmo no contexto de excepcionalidade gerado pela pandemia, para o atendimento online devem ser seguidas as mesmas legislações profissionais vigentes para os atendimentos presenciais, observando principalmente a necessidade de elaboração do contrato de trabalho, a obrigatoriedade do registro documental dos atendimentos.



4. A garantia do sigilo e confidencialidade, orientando a/o atendida/o quanto a estar em local isolado e sem acesso de outras pessoas, que na situação atual pode incluir estar em sua residência com outros familiares. Ainda verificar os cuidados em relação ao sigilo dos dados colhidos em atendimento, como computador de uso exclusivo, protegido por senhas e antivírus, uso de fones de ouvido tanto para a/o profissional quanto a/o atendida/o.

Saiba mais em crprs.org.br/publicações.

5. Quanto aos procedimentos de avaliação psicológica online, verificar quanto à possibilidade de uso de testes psicológicos de aplicação remota/online junto ao SATEPSI. Diferenciando do uso de testes informatizados/computadorizados. Acessar em satepsi.cfp.org.br

6. Honorários a cobrar: apesar de estarmos em uma situação extrema, as atividades profissionais devem ser devidamente cobradas quando de profissional liberal, para tanto existe uma Tabela de Valores Referências de Honorários, ficando a cargo de cada profissional, quando do contrato inicial, o estabelecimento de valor de honorários ou não naquele atendimento. Acessar em crprs.org.br/orientacao-tecnica/honorarios.

7. Em havendo a necessidade de atendimento presencial, orientar-se quanto ao uso de equipamentos de proteção individuais, da higienização do local de atendimento e instrumentos, ventilação adequada, uso de máscaras e álcool gel. Acessar mais orientações em crprs.org.br/biosseguranca.

8. Tanto em serviços privados quanto públicos, as/os gestoras/es são responsáveis em fornecer os EPIs e instalações adequadas quando de atendimento presencial.

Toda atividade profissional deve constituir-se como uma oportunidade para legitimar o lugar da/o psicóloga/o na sociedade e para fortalecer os espaços já conquistados, valorizando a profissão e expandindo os benefícios que resultam do fazer psicológico na vida dos sujeitos e organizações.

ÁREA TÉCNICA DO CRPRS

Coordenação Técnica: Lucio Fernando Garcia

Psicólogos Fiscais: Adriana Dal Orsoletta Gastal, Flávia Cardozo de Mattos, Geovana Ferreira e Letícia Giannechini
orientec@crprs.org.br

Profissionais da Saúde e a Covid-19*

432.668 TESTES FEITOS EM PROFISSIONAIS DA SAÚDE ENTRE 1º DE MARÇO E 1º DE JUNHO

83.118 TESTARAM POSITIVO **169** ÓBITOS (19,21%)

Profissionais	Óbitos
Enfermagem	42
Medicina	18
Farmacêuticos ou Bioquímicos	6
Nutricionistas	6
Cirurgiões Dentistas	5
Fisioterapeutas	2
Psicólogos / Psicanalistas	2
Não especificados	88

* Dados do Ministério da Saúde divulgados em 12/06/2020.

Levantamento divulgado pelo Conselho Federal de Enfermagem, em maio, mostra que o Brasil é o **1º país do mundo em mortes de profissionais de enfermagem**, superando Estados Unidos, Espanha e Itália juntas.

** No Brasil, aproximadamente 3,5 milhões de profissionais e trabalhadoras/es de saúde estão direta ou indiretamente envolvidos com a prestação de serviços à população, seja nas unidades de Atenção Primária, nos serviços especializados e nos hospitais, tanto da rede pública quanto da rede privada.

Segundo comunicado do International Council of Nurses (ICN), de 06/05/2020, 90 mil profissionais de saúde foram infectados em 30 países associados. O comunicado do

ICN também estimou que, no mundo, cerca de 210 mil profissionais poderiam ter sido infectados até aquela data, considerando uma proporção de 6% de profissionais de saúde infectados em relação aos 3,5 milhões de casos registrados até a primeira semana de maio.

Organismos multilaterais, imprensa e estudos científicos têm apontado, embora ainda de modo insuficiente, o impacto das desigualdades de raça e de gênero na distribuição dos casos e no perfil dos óbitos, evidenciando que a pandemia tem afetado com maior intensidade pessoas **pobres, mulheres e negras**.

** Dados divulgados em Boletim da Rede Covida, disponível em <https://bit.ly/3gnMfYc>.

Programe-se

Curso de especialização online: intervenções em situações de luto

08/2020 até 08/2022

Curso online

(51) 99420-7008

ensino@cefipoa.com.br

cefipoa.com.br/curso-de-especializacao-online-intervencoes-em-situacoes-de-luto

Transtorno alimentares e obesidade em períodos de crise

04 e 11 de Agosto

Curso online

(51) 99420-7008

ensino@cefipoa.com.br

cefipoa.com.br/curso-online-transtornos-alimentares-e-obesidade-em-periodos-de-crise

Terapia focada nas emoções para indivíduos (EFIT)

14, 15, 21 e 22 de agosto

Curso online

(51) 99420-7008

ensino@cefipoa.com.br

cefipoa.com.br/terapia-focada-nas-emocoes-para-individuos-efit-2

TCC online: Tratamento combinado: Terapia Cognitivo-comportamental e Psicofarmacologia

02, 09, 16, 23 de setembro

Curso online

(51) 99420-7008

ensino@cefipoa.com.br

cefipoa.com.br/tcc-online-tratamento-combinado-terapia-cognitivo-comportamental-e-psicofarmacologia

Curso de Hipnose clínica online

Até 20/05/2021

Curso online

(51) 99981-5112

benomy.voy@terra.com.br

facebook.com/benomy.silberfarb

Lives realizadas pelo CRPRS

Assista em crprs.org.br/crprsconvida

O agravamento da violência doméstica na pandemia da Covid-19

Convidada: Cristina Schwarz

Mediação: Luciana Fossi

Realizada em 08/07

Covid-19: atuação da Psicologia Escolar e Educacional na escuta docente

Convidados: Bianca Stock, Taís Fim Albert e João Luis A. Weber

Mediação: Berenice M. da Rosa

Realizada em 17/06

Covid-19: atuação das/os trabalhadoras/es da Psicologia no Sistema Prisional

Convidadas: Mônica Pereira da Cunha e Rosane Wojciechowska Lucena

Mediação: Maynar Patrícia Vorga Leite

Realizada em 03/06

Se o isolamento faz sofrer, imagina se ele nunca acabasse?

Convidadas: Gabriela Lanzetta Haack, Judete Ferrari e Tatiane Baggio

Mediação: Sandra Fagundes

Realizada em 25/05

18 de maio e o combate ao abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes

Convidadas: Carmen S. de Oliveira, Elisa Scherer Benedetto

Mediação: Roberta da Silva Gomes

Realizada em 20/05

Atuação da Psicologia na Saúde Mental Coletiva

Convidados: Luciana Fossi e Thiago dos Santos Alves

Mediação: Dalmara Oliveira

Realizada em 13/05

Abordagem social em meio à pandemia da Covid-19

Convidada: Dinaê Martins

Mediação: Roberta da Silva Gomes

Realizada em 06/05

Avaliação Psicológica em tempos de Covid-19

Convidados: Fabiane Konowaluk Santos Machado e Lucio Fernando Garcia

Mediação: Roberta da Silva Gomes

Realizada em 29/04

A Psicologia e a atuação profissional em tempos de Covid-19

Convidada: Ana Luiza Castro

Mediação: Roberta da Silva Gomes

Realizada em 22/04

Lives realizadas pelo CFP

Assista em youtube.com/confederalpsicologia

Luta Antimanicomial e o papel da Psicologia no cuidado em tempos de pandemia

<https://youtu.be/TZpCh-G-oUY>

Os impactos da Covid-19 sobre o trabalho

<https://youtu.be/OGTo1uy5mtk>

O papel da Psicologia na saúde das mulheres em tempos de pandemia da Covid-19

<https://youtu.be/ZlqzNoybLJw>

Proteção integral de crianças e adolescentes em tempos de pandemia

<https://youtu.be/pyZGexEGMxU>

Pandemia dentro da pandemia: a violência contra as mulheres e o papel da Psicologia

<https://youtu.be/o6HFHQ83JU>

Psicologia debate vulnerabilidade dos povos indígenas no contexto da pandemia

<https://youtu.be/YoSLFYTa-Dc>

Atuação da Psicologia em Emergências e Desastre

<https://youtu.be/peWpFEZ9a-g>

As contribuições da Psicologia Hospitalar na pandemia da Covid-19

<https://youtu.be/1RLcOHSTvGw>

Diálogo Digital - Coronavírus e a atuação da Psicologia

<https://youtu.be/NtXofl25m14>

A Psicologia e a crise do Coronavírus

<https://youtu.be/tlg3nghF6SY>

Psicólogo/o.

Nesta embalagem, você está recebendo as edições nº 84 e 85 da revista EntreLinhas.

O CRPRS optou por enviá-las juntas, diminuindo os riscos de contaminação pelo coronavírus com a circulação de papel e de pessoas na rua (para garantir a sua entrega pelos Correios). Tivemos o cuidado de enviar as revistas embaladas.



Para sua segurança, descarte o saco plástico e lave as mãos após manuseá-lo, evitando levar as mãos aos olhos, boca e nariz antes de lavá-las.



Limpe a superfície onde apoiou a revista embalada com água e sabão, álcool a 70% ou hipoclorito a 0,1%.



Boa leitura e, se puder, fique em casa.

Saiba mais sobre as ações do CRPRS diante da pandemia da Covid-19 acessando **crprs.org.br/covid19**



USO EXCLUSIVO DOS CORREIOS

- | | |
|---------------------------------------|--|
| ☐ MUDOU-SE | ☐ NÃO PROCURADO |
| ☐ DESCONHECIDO | ☐ END. INSUFICIENTE |
| ☐ RECUSADO | ☐ CEP |
| ☐ FALECIDO | ☐ NÃO EXISTE O N° INDICADO |
| ☐ AUSENTE | ☐ INFORMAÇÃO ESCRITA PELO PORTEIRO OU SÍNDICO |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL EM ____/____/____

____/____/____
RESPONSÁVEL

Endereço para devolução: Agência Auxiliadora – CEP 90450-970